

Renovação

A MORTE DOS APOSTOLOS



ECENTEMENTE, surgiu entre os bosques sussurrantes da Índia um novo Messias — um novo apóstolo.

Krishnamurti é o seu nome. E Madras é a sua Galiléia.

A Europa, um pouco surpreendida, comenta esta aparição com um sorriso irónico... Nem a Europa sabe a causa fundamental desse seu sorriso.

Num momento em que ela pede um ditador, um «salvador», um Messias político, enfim, não se devia surpreender que na Índia longínqua aparecesse um Messias religioso...

E todavia, a Europa surpreendeu-se...

Um novo Messias no século XX?

Um apóstolo numa época de scepticismo?

Analisado sob o ponto de vista indiano, o Messias não devia surpreender a Europa.

A Índia está sob um regime de opressão; a Índia vive expoliada pelo leopardo inglês; a Índia, com o Ganges de pó do seu tradicionalismo religioso, não foi ainda varrida pela ventania higiénica do ateísmo.

Assim se explica o prestígio formidável de Mahatma Gandhi, arrastando num apostolado de autonomia política, legiões de escravizados sedentos de liberdade e assim se justifica este jovem Messias que arrasta rebanhos de crentes para um novo círculo teosofico.

Uma grande diferença, porém, separa os dois apóstolos: — o primeiro, fazendo crepitar a rebeldia, levará os seus compatriotas para a emancipação, furtando-se ao domínio inglês; o segundo, derramando os óleos da crença, propagará a resignação, é dizer, a escravidão à Inglaterra. E as suas próprias teorias teosoficas, de remota origem indiana, aparecem agora civilizadas, polidas, com um falso ar científico, dado pela Inglaterra antes de reexportá-las.

Albion sabe que uma religião dominante vale mais que um exército opressor.

Mas na Índia os apóstolos ainda teem justificação. Na Índia e em todas as regiões onde os homens não conquistaram ainda os elementares princípios de Liberdade. Ahi, o apóstolo é como que a concatenação numa só voz de todas as vozes populares, para que os anseios destas sejam gritados bem alto.

Principia por irritar o meio em que vive, ao lançar a semente duma nova ideia ou crença e acaba sendo, junto do credo, o representante daqueles a quem elle suggestionou. Se o campo não é propício, o apóstolo será sacrificado antes mesmo de ver triunfar a sua ideia, e entrará assim na galeria dos mártires; se, pelo contrario, elle triunfa, passará a ter o papel de um tirano espiritual.

Os apóstolos surgem sempre com as grandes opressões e só triunfam no instante preciso em que as almas, por mais primitivas e ingenuas que sejam, aspiram a uma maior liberdade, que será conquistada pela luta, ou a um maior conforto moral, que até hoje tem sido alcançado pela morfina das religiões.

Mas na Europa, e nos países ligados á corrente mental europeia, a morte aos apóstolos é já um facto. E assim se justifica o sorriso de ironia com que no nosso continente foi recebida a noticia de que em Madras surgira um novo apóstolo teosofico, ao qual logo deram a categoria de Messias...

E' que na Europa, hoje, as ideias inspiram mais confiança do que os homens.

Cristo impôs a sua doutrina, pela sua acção exterior, pelas suas peripetrias, pelos seus «milagres», se tomarmos como realidade as fantasias bíblicas...

E até á revolução francesa foram os homens que impuzeram as ideias e não as ideias que impuzeram os homens.

Depois veio o reverso. O prestígio de Tolstói, de Kropotckine, surge já posteriormente á difusão das suas teorias.

E embora na revolução russa — a Rússia era da Europa o país mais escravizado e mais propício a todas as espécies de fanatismo — ainda os homens se confundissem com as ideias, hoje em toda a terra europeia a separação está realisada.

A própria burguesia, ao defender a ideia da ditadura, mostra-se sceptica quando pensa no ditador...

O apóstolo ou aquele que procura concentrar em si qualquer corpo de doutrinas, já não merece dos povos civilizados a cega confiança de outrora.

Hoje, as ideias que triunfam não são aquelas que um só homem pode representar e rea-

lisar, mas sim as que abrangem todos os homens. E' dizer: o homem foi substituido pela humanidade.

Esta evolução, entre os seus complexos aspectos, é devida principalmente a dois factores. Primeiro, á constatada insuficiencia de todas as instituições que vivem apenas sob a egide dum individuo, sujeito como quasi todos os outros mortais, a vis transigencias, a ambições, a egoismos, até a revindicações. Não nos teem dado esse exemplo, reis, imperadores, comandantes de exercitos, presidentes, ministros, todos aqueles que dizem encarnar o espirito dum regimem?

O segundo factor daquela evolução está no descredito dos faceis verbalismos, das ocas retoricas e até das imponentes eloquencias.

Era o fogo da palavra falada que criava os apostolos. Hoje, sob a magia dessa palavra, as multidões podem vibrar um instante, mas logo que passa o sortilegio contagio, elas volvem ao seu sceptismo sobre o homem — esse scepticismo que tem sua causa em miriades de traições, de deslealdades, feitas por apostolos aavez de todos os seculos.

Hoje só as ideias valem. As ideias que abrangem os homens e não um homem. Vai morrendo já essa ascendencia que alguns individuos conquistaram sobre os seus semelhantes. Um grande sentido de igualdade, uma rasa igualitaria vai rolando sobre as almas, até agora obscuradas pela falsa superioridade atribuida a certos homens.

Nós devemos consagrar esta morte dos apostolos como o verdadeiro nascimento dos homens livres. Devemos consagrar esta descrença nos apostolos, como uma victoria.

Pois só é verdadeiramente emancipado aquele que não é discipulo, aquele que nao é fiel, aquele que não tem mestre nem sacerdote. As ideias só são verdadeiramente emancipadoras, quando estão no espirito dos homens e não quando para se comungar nelas se tem de adorar a um só homem. A grande obra do futuro tem de ser uma obra colectiva.

Ferreira de Assis